



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na inauguração de prédios do campus da Ufersa, assinatura de protocolo para implantação de refinaria em Guamaré e inauguração da Termoação Mossoró-RN, 19 de setembro de 2008

Minha querida amiga e governadora do estado do Rio Grande do Norte, Wilma Maria de Faria,

Meu amigo Garibaldi Alves, presidente do Senado Federal,

Ministros Fernando Haddad, da Educação, e Edison Lobão, de Minas e Energia,

Meu caro Iberê Ferreira de Souza, vice-governador do estado do Rio Grande do Sul, do Norte,

É que ontem eu fiz uma coisa tão bonita no Rio Grande do Sul, que estou com o Rio Grande do Sul na cabeça. Depois eu explico o que fiz lá ontem.

Deputados Betinho Rosado, Henrique Eduardo Alves,

Professor Josivan Barbosa Menezes, magnífico reitor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, em Mossoró,

Meu caro Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Ruy Pereira, secretário de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte,

Meus amigos e minhas amigas diretores da Petrobras, secretários estaduais, secretários de governo, vereadores, possíveis candidatos que estão por aí espalhados, que ninguém sabe quem são,

Trabalhadores e trabalhadoras do Rio Grande do Norte e de Mossoró,

Se eu fosse assumir um papel verdadeiro e pudesse retratar o sentimento do povo de Mossoró que está aqui nesta manifestação, e se vocês estivessem com o estômago vazio como está o meu, a gente diria “palavras



não enchem barriga. Vamos comer, que está na hora”. Mas como vocês são educados, generosos e sabem que eu vim de longe, vocês vão ficar com a lombriga maior comendo a menor por mais um tempo, enquanto eu posso prosear com vocês um pouco.

Primeiro, meus amigos e minhas amigas, é motivo de orgulho estar mais uma vez em Mossoró e no Rio Grande do Norte, para poder conversar um pouco com vocês sobre coisas que aqui já foram faladas e, portanto, não preciso repetir, mas coisas que eu penso que precisamos falar, porque a política, para ser exercitada em toda a sua plenitude, precisa ser exercida com muito amor, com muita vontade e com muita disposição.

Se eu olhar para cada um de vocês, se olhar para as câmeras de televisão, se olhar para o Garibaldi e para a Wilma – um que já foi o governador e a outra que é a governadora – se olhasse até para os governadores que não estão aqui, mas que estão na disputa por este país afora, eu poderia dizer “que pena e que diferença dos governadores que passaram pelo governo antes de eu chegar à Presidência da República”. Não por mérito pessoal meu, mas por mérito nosso, porque não tenho dúvida em dizer que Wilma, sozinha, nos seus seis anos de mandato, deve ter recebido, em parceria com o governo federal, mais dinheiro do que o Garibaldi recebeu nos oito anos em que governou o estado do Rio Grande do Norte, com outro presidente da República, e quem sabe mais até do que Garibaldi, Agripino e o outro juntos.

Posso, meu caro presidente do Congresso, dizer para você, com a maior franqueza, que se você perguntar ao governador do estado de São Paulo o que ele recebeu do governo federal nesses dois anos de governo, foi mais do que o Mário Covas recebeu em seis anos de governo. Se você perguntar para a governadora Yeda, do Rio Grande do Sul, que está há dois anos no governo, ela certamente vai dizer que o Rio Grande do Sul recebeu mais dinheiro do governo federal do que os últimos dois governantes receberam em oito anos de



um presidente que era do partido deles. Pode perguntar para o Aécio Neves, ou para um vizinho nosso chamado Cássio Cunha Lima, que não é do meu partido, quanto ele recebeu no meu governo e quanto recebeu no governo passado.

Mas se não quiserem perguntar para os governadores, perguntem para os prefeitos. Perguntem para a prefeita desta cidade quanto ela recebeu de dinheiro no meu governo; perguntem para o prefeito da capital de São Paulo quanto dinheiro ele recebeu no meu governo; perguntem para o prefeito do Rio de Janeiro, que também não é do meu partido, quanto dinheiro ele recebeu no meu governo. E perguntem se eles receberam 10% disso em oito anos de outro governo neste país.

Um presidente da República tem que ser, antes de tudo, um republicano. Ele não tem que olhar a que partido político pertence quem está governando um ente federativo. Eu não quero saber se a prefeita é do DEM, do PMDB, do PSB, do PTB, do PT. Eu não quero saber se o governador é corintiano, flamenguista ou vascaíno, se é evangélico ou católico. Eu quero saber se o povo daquela cidade ou daquele estado tem necessidade de receber investimentos.

É por isso que este país está dando certo. É porque eu não tenho um olhar mesquinho, um olhar partidário. Eu aprendi a ter um olhar brasileiro, porque tive a humildade de perder três eleições seguidas e não deixar amontoar no meu coração uma única gota de ódio ou de raiva contra quem quer que seja. Fiz das minhas derrotas os ensinamentos e os aprendizados que eu precisava ter para hoje estar aqui conversando com vocês. Foi na campanha de 1989, Wilma, que eu descobri por que o Brasil tinha regiões com tratamentos tão diferenciados; foi na eleição de 1989 que eu descobri como se monta a eleição de presidente da República neste país sem a participação da grande maioria do povo; foi na campanha de 1989 que eu aprendi a maior lição da minha vida: se eu quisesse ser presidente da República deste país, eu



precisaria conhecê-lo.

Aí, comecei a viajar este país, passei por aqui. Foram mais de 90 mil quilômetros de barco, de trem, de ônibus, de carro para percorrer cada quadrante deste país, olhar na cara do povo para, quando eu fosse eleito presidente da República – sabendo que eu tinha que receber reis, príncipes, presidentes, primeiros-ministros, todas as autoridades do mundo – eu tinha que ter firmado na minha cabeça “todos são importantes, mas o mais importante é olhar para o povo deste país, que há muitos séculos tinha sido esquecido”.

É isso o que me permite, orgulhosamente, estar aqui no dia de hoje, não para inaugurar um muro, mas para derrubar o muro da vergonha do atraso na educação deste país. Vim aqui para fazer aquilo que os outros, durante décadas, não fizeram, porque o Nordeste brasileiro nunca foi levado em conta nas grandes decisões nacionais, a não ser no governo Juscelino Kubitschek, quando resolveu criar a Sudene, para desenvolver o Nordeste brasileiro.

Tenho consciência de como se tomam as decisões neste país, tenho consciência de quem determina, muitas vezes, as decisões presidenciais. Os grupos econômicos, quanto mais fortes, mais querem se apoderar do dinheiro do Estado brasileiro, e o povo pobre, para quem o governo deveria governar, às vezes nem consegue chegar perto do Palácio presidencial, e isso nós conseguimos mudar nesses oito anos de governo. Lá no Palácio do Planalto entra quem for brasileiro, entra quem quiser falar mal do governo, e entra também quem quiser falar bem do governo. O importante é que a gente reconheça que quando Deus, na sua grandeza onipotente, nos fez seres racionais, Ele nos colocou duas orelhas para a gente ouvir mais do que falar. E os políticos falam mais do que ouvem neste país, por isso, as coisas andam mais devagar do que deveriam.

Tenho dito publicamente que quando deixar o meu mandato, no dia 31 de dezembro de 2010, entregarei, no dia 1º, para o próximo presidente da República – ou presidenta, porque pode ser um homem ou uma mulher –



registrado em cartório, tudo o que foi feito nos meus oito anos. Cada ministro terá que me entregar, registrado em cartório, cada centavo investido, cada metro quadrado de asfalto, cada escola, cada tijolo, cada aluno. Sabem para quê? Para que o novo presidente estabeleça um novo paradigma para este país, e aí, quando se sentar à mesa da Presidência, ele vai ter uma grande preocupação: está registrado em cartório. Se um cidadão que não tem diploma universitário governou este país e fez tudo isso, eu, que tenho diploma, tenho que fazer muito mais do que ele. É esse paradigma que eu quero estabelecer neste país.

Se cada presidente da República tivesse feito duas ou três universidades, nós já teríamos cem universidades. Se cada presidente da República tivesse feito três ou quatro escolas técnicas, a gente não teria tanta defasagem. O problema é que, muitas vezes, as pessoas conseguem o seu diploma e se esquecem de que o restante do povo também tem o direito de conseguir. Talvez seja essa a minha obsessão pela educação, porque eu não tive oportunidade, naquele tempo, de fazer uma universidade. O que estou fazendo hoje pelo País é o que deveriam ter feito por mim, e estou tentando recuperar, a duras penas, a defasagem educacional neste país, porque o Brasil não pode mais ser apenas exportador de minério de ferro, exportador de soja. Este país tem que ser exportador do conhecimento, da inteligência e da criatividade deste povo.

Quero, com muito orgulho, prestar uma homenagem ao ministro Fernando Haddad. Foi este moço, então secretário-executivo do Ministério da Educação, que chegou ao meu gabinete com o ministro Tarso Genro – eu tinha pedido a eles uma solução para aumentar o número de alunos nas universidades – com um tal de ProUni. “Presidente, tivemos uma idéia. Está aqui o ProUni”. A primeira crítica que nós ouvimos sobre o ProUni foi: “O governo federal quer dar dinheiro para as universidades particulares”. Foi a primeira crítica.



Eu achei a idéia extraordinária. O ProUni, hoje, já está com 435 mil jovens da periferia deste país fazendo universidade. Agora, no vestibular, devem entrar mais 100 mil jovens para o ano que vem. Diziam que o que nós estávamos fazendo era nivelar o ensino por baixo. Depois de dois anos, todos os estudos provaram que parte dos melhores alunos das universidades eram exatamente os alunos do ProUni, porque eram jovens que tinham perdido a expectativa de estudar e que, ao pegarem uma oportunidade, a agarraram com unhas e dentes.

Depois dessa criatividade extraordinária do ProUni, no ano passado me apresentaram outra coisa extraordinária: o Reuni. O Reuni nada mais é do que dar um pouco mais de verba para as universidades, as universidades comecem a dar cursos à noite e, ao mesmo tempo, aumentar o número de alunos de 12 para 18 por professor, para colocar mais 400 mil jovens na escola pública federal brasileira nos próximos anos.

É por isso que esse número que o Fernando Haddad citou me enche de orgulho. Até 2003, nós tínhamos 113 mil novas vagas por ano nas universidades. Este ano serão 227 mil novas vagas, mais jovens entrando nas universidades, mais jovens da periferia virando doutores. Muito mais orgulho eu sinto quando vejo doutores que antigamente não vinham para o Nordeste porque não tinham possibilidade. Esses dias, cheguei em Manaus... contei para o Fernando Haddad. Cheguei e vi o ex-presidente da SBPC, sentado no salão em que estávamos fazendo o debate. Eu falei: será que é o Candotti? Era o Candotti. Sabem o que ele estava fazendo lá? Está morando em Manaus, dando aulas na Universidade Federal de Manaus.

Agora fiquei sabendo que aqui já tem 40 doutores de outros estados – de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul – numa demonstração de que o Nordeste brasileiro não é mais aquela coisa feia, está ficando encantador, e as pessoas já encontram aqui não apenas um mercado de trabalho, mas uma quantidade de jovens que podem se



transformar em doutores tão importantes quanto os mais importantes que nós temos nas grandes universidades deste país.

É por isso que estamos fazendo mais de 90 campi universitários, dez universidades novas, tem mais quatro no Congresso Nacional para serem votadas, e vamos fazer uma universidade afro-brasileira – metade de brasileiros e metade de africanos – para a gente começar a pagar a nossa dívida histórica com o Continente Africano, que durante 300 anos foi escravizado neste país. Vamos construir a Universidade da América Latina, com professores latino-americanos, com currículo latino-americano e com estudantes latino-americanos, lá em Foz do Iguaçu, para que a gente possa fazer a integração desses povos que têm similaridades. Afinal de contas, temos os mesmos problemas que os países latino-americanos, e temos um pouco... a beleza do Brasil é a mistura da nossa raça: europeus, índios, negros. Deu esta gente maravilhosa, alegre, que parece que só gosta de carnaval ou de samba – e de futebol quando a Seleção está jogando bem – este povo brasileiro que aprendeu a ser respeitado no mundo pela criatividade.

Então, fico prazerosamente satisfeito de poder vir aqui e dizer: mais um grupo de jovens vai poder estudar numa escola pública federal gratuita e de boa qualidade, que não está nivelada por baixo, está nivelada por cima. Da mesma forma, escolas técnicas. A minha paixão por escolas técnicas tem duas razões de ser. Sei a diferença entre um ser humano com profissão e outro sem profissão. Um cidadão que tem profissão tem 90% de chances de arrumar emprego em situações difíceis. Um cidadão que não tem profissão tem 10% de chances de arrumar emprego, mesmo quando a situação não é tão ruim, mas também não é tão boa. Quando você chega a um local para trabalhar e perguntam o que sabe fazer e você fala “um pouco de tudo”, está mentindo. É como um jogador de bola que vai entrar num time: “eu quero fazer um teste aqui no ABC”. O cara fala: “Em que posição você joga?” “Em qualquer uma”. Está mentindo. Ninguém joga em qualquer uma: ou joga numa ou joga noutra.



Um jovem, quando vai procurar emprego, perguntam “o que você sabe fazer?”, e ele fala “sou isso, sou aquilo”, pode não ter a vaga, mas o nome dele vai para uma ficha na empresa, para buscá-lo quando a coisa melhorar. E ele sabe que um dia vai ter emprego.

Sobretudo, as mulheres. As mulheres, a coisa mais fantástica nas mulheres é que elas estão aprendendo muito rapidamente – e você, Wilma, é uma das companheiras que tem ensinado – que quando a mulher tem uma profissão, é mais do que uma profissão, ela está tendo a sua independência, para ser tratada com respeito dentro de casa, para que o marido não seja aquele que acha: “Ah, porque eu coloco o dinheiro em casa, eu mando e desmando”. Se ela não trabalha, depende dele e tem um magote de filhos, vai ficar subordinada. Mas se ela trabalha e, às vezes, até ganha um pouquinho mais do que ele ou igual a ele, e ele chegar falando grosso, ela fala: “Companheiro, sabe por que estou junto com você? Porque gosto de você. Mas fala baixo aí, porque se falar alto vai ouvir também, aqui”. E as coisas ficam mais iguais e mais verdadeiras

Isso é a liberdade. É mais do que uma profissão, é liberdade. Eu digo todo dia, vocês já me ouviram dizer isso, e vou repetir: eu, por conta de um diploma de torneiro mecânico, um simples diploma de torneiro mecânico, fui o primeiro filho, de oito, a ter uma casa, um carro, uma geladeira, uma televisão, uma casa própria, por conta de uma profissão. E, depois, o reconhecimento de vocês foi tão grande que me fizeram presidente da República deste país.

Portanto, companheiros e companheiras, sei que ainda temos muita coisa para fazer. Afinal de contas, a gente não consegue resolver o esquecimento de um século em quatro anos, em oito anos, ou em dez anos, nem é possível fazer isso. Mas estamos com um bom começo.

Todo mundo sabe que o Nordeste já melhorou. Todo mundo sabe que as coisas estão melhorando. Mas todo mundo sabe que nós ainda temos uma dívida com o Nordeste brasileiro. É no Nordeste que tem o maior índice de



mortalidade infantil; é no Nordeste que a gente ainda tem o maior número de analfabetos adultos no Brasil; é no Nordeste que ainda temos alguma carência de pesquisadores, de doutores, de mestres; é no Nordeste que se investe menos em pesquisa.

Garibaldi, você é presidente do Senado, eu vou te dar um número: quando nós chegamos na Presidência da República, o BNB, que é o grande Banco do Nordeste, naquele tempo, em 2003, o BNB tinha disponibilizado para crédito em 2002, 260 milhões de reais. Sabe quanto temos disponibilizados este ano? Treze bilhões de reais para fazer crédito, neste país. No Brasil, graças a Deus, a dinastia economicista que governou este país durante 40 anos está perdendo lugar para outra coisa chamada engenharia. O economicismo está perdendo para o produtivismo. Nós, agora, estamos formando mais engenheiros, engenheiros estão dando mais palpite.

É por isso, José Sergio, que orgulhosamente... Você pode estar muito metido aí, porque foi escolhido pela revista The Economist, lá em Londres, como o “Executivo do Ano”, mas estou mais orgulhoso do que você porque este ano nós vamos criar 2 milhões e 200 mil empregos com carteira profissional assinada, neste país.

Há dois meses, começaram a falar de crise: “crise mundial de alimentos”. Eu só ficava olhando. Fui ao G-8. Estavam lá todos os presidentes dos países mais importantes, que a gente vê na televisão, parecem figuras intangíveis, a gente não chega perto. Eu cheguei lá e todo mundo: “A crise de alimentos, a crise de alimentos”. Eu falei: para nós, no Brasil, a crise de alimentos é uma oportunidade. Nós não estamos preocupados, porque vamos produzir. Voltei para Brasília, cheguei em Brasília, reuni o ministro da Agricultura, o MDA, o ministro da Fazenda, e decidimos o seguinte: contra a crise, mais produção; contra a crise, mais alimentação. Aprovamos uma linha de crédito de 25 bilhões de reais no BNDES para financiar 60 mil tratores e 300 máquinas agrícolas para a agricultura familiar deste país fazer uma revolução



na produção de alimentos. É assim que a gente vai vendo as coisas acontecerem; é assim que eu acho legal, que a cada vez que a gente faz um ato, as pessoas reivindicuem mais coisas, porque é da natureza humana. É da natureza humana querer cada vez mais: você conquistou dez, quer cinco, quer quinze, quer vinte.

Meu caro Garibaldi, minha querida governadora, eu acho que este estado, se continuar persistindo – com a visão do governo federal que nós temos –, penso que dentro de 10 ou 15 anos teremos o Brasil mais equilibrado, não haverá tantas diferenças entre Norte e Nordeste, Nordeste e Centro-Oeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste. O Brasil precisa ser mais irmão, criar mais oportunidades para todos, permitir que as pessoas possam viver na sua terra natal dignamente. Se quiserem ir para São Paulo, vão fazer turismo; se quiserem vir de São Paulo para o Rio Grande do Norte, venham para pegar esta praia maravilhosa, 365 dias por ano, tomando água de coco. A pessoa não pode virar um nômade, viajando apenas à procura da sobrevivência. É por isso que nós estamos conscientes.

Vocês viram que a crise americana já está aí há algum tempo. A imprensa só fala nisso. Imagine, Wilma, se fosse dez anos atrás. Imagine se os Estados Unidos dessem o espirro que deram com essa crise imobiliária lá, certamente o Brasil teria pegado pneumonia. Agora, eles estão em crise. A imprensa, de vez em quando, fica doida: “Mas, presidente Lula, e a crise americana?” “Perguntem para o Bush. A crise é dele, não é minha”. Eu tenho que cuidar do meu país para não permitir que ele seja contaminado por esta crise, e é por isso que diversificamos a nossa balança comercial. Antigamente o Brasil tinha muitas coisas com a Europa e com os Estados Unidos – e ainda queremos ter – mas hoje nós temos mais com a América do Sul e com a América Latina, temos mais com a África, com o Oriente Médio, com a Ásia. Hoje não dependemos de um ou de dois países. Hoje nós temos um fluxo de balança comercial diversificado. Além disso, o FMI não está mais aqui para dar



palpite nas coisas que nós fazemos, e temos 207 bilhões de dólares de reserva, sagrados, para não permitir que este país seja vítima de especulação imobiliária ou financeira.

Por isso, gente, vou contar para vocês: quisera Deus que todos os governadores, todos os prefeitos e todos os presidentes do Brasil pudessem, todas as semanas, inaugurar um (inaudível) como este que estou inaugurando aqui na cidade de Mossoró; quisera Deus que todos os meses um presidente da República ou um governador pudessem receber a notícia de que vai ter uma refinaria no seu estado; quisera Deus que todo tempo o Brasil tivesse a safra de governadores e um presidente da República que estabeleceram, como padrão de convivência, a democracia, a harmonia.

Quero elogiar os governadores deste país, os prefeitos das capitais, de todos os partidos. Nós temos mantido uma relação extraordinária, é por isso que o PAC dá certo. A Wilma sabe porque foi chamada lá, mas junto com ela foram os principais prefeitos daqui do estado para discutir as coisas que tínhamos que fazer. Se os adversários estão preocupados porque as coisas estão dando certo, esperem para ver o que vai acontecer neste país até 2010, depois do pré-sal, depois do trem-bala, depois de as obras do PAC estarem sendo concluídas, como serão a partir do ano que vem. A partir do ano que vem, o meu desejo é andar por este país inaugurando obras. Você pode me chamar, Wilma, para inaugurar todas que tiverem aqui, inaugurar todas as escolas. Só escolas técnicas, no ano que vem, vamos inaugurar 100. Vamos inaugurar algumas universidades, e até 2010 inauguraremos todas. Já falei para o Fernando: não quero deixar nada que nós começamos a fazer, em educação, para 2011. Vamos terminar as nossas em 2010, e os outros que comecem outras em 2011, 2012 ou 2013. Se a sorte ajudar e acontecer o que estou pensando, nós não vamos ter problemas porque vai ter continuidade e as coisas vão melhorar ainda mais neste país.

Quero portanto agradecer, de coração, a cada um de vocês que não se



abateram pela fome, nem pela sede, muito menos se abateram com o calor. Tem gente que vai chegar em casa com bursite, de tanto abanar um paninho, assim.

Mas, de qualquer forma, quero dizer que o meu carinho por vocês certamente é o carinho de um pai, de um filho, de um irmão, de uma irmã, é o carinho de um companheiro. Há muito tempo intuí que não é possível um governante governar um país apenas com a sabedoria teórica da sua cabeça, e que para ele governar bem era preciso que ele juntasse a sabedoria do seu cérebro com a sabedoria do seu coração, porque somente assim ele ia sentir a emoção que este povo brasileiro tem, na sua alma, e que muitas vezes não é respeitada.

Um abraço. Que Deus abençoe todos vocês. E até a próxima visita a Mossoró.

(\$211A)